

Aula 3

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO(S) E OS MULTILETRAMENTOS

META

Trabalhar com os conceitos de “Letramento(s)”, “Letramentos Digitais” e “Multiletramentos”.

OBJETIVOS

Definir os termos “Letramento(s)”, “Letramentos Digitais” e “Multiletramentos”,
Refletir a relação entre os termos acima mencionados;
Observar a importância dos Multiletramentos para um ensino significativo.

PRÉ-REQUISITOS

Ter finalizado as lições 1 e 2.

Ana Flora Schlindwein
Paulo Roberto Boa Sorte Silva

INTRODUÇÃO

Não é recente a necessidade do homem de, através de alguma forma, registrar suas emoções, seus pensamentos, seus medos ou os seus pertences. Os indícios mais antigos dessas tentativas de registro são as pinturas rupestres, como ilustra a imagem a seguir:



Pinturas rupestres encontrada na Serra da Capivara

Fonte: <http://www.mbigucci.com.br/blog/dicas-de-lazer-no-piaui-parque-nacional-serra-da-capivara/>

Essa foto é de uma pintura rupestre encontrada no Parque Nacional da Serra da Capivara, localizada próximo ao município de São Raimundo Nonato, no Piauí. De acordo com a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), que é a organização criada para preservar o Parque Nacional e seu acervo cultural e natural, esses registros rupestres são:

pintados ou gravados sobre as paredes rochosas, são formas gráficas de comunicação utilizadas pelos grupos pré-históricos que habitaram a região do Parque. As representações gráficas abordam uma grande variedade de formas, cores e temas. Foram pintadas cenas de caça, sexo, guerra e diversos aspectos da vida cotidiana e do universo simbólico dos seus autores. O estudo desses registros possibilita o reconhecimento de temas recorrentes e a identificação de diferentes maneiras de representá-los. Pode-se dizer, ainda, que são pistas da forma de vida dessas populações (online).

Dentro desse parque também existe o Museu do Homem Americano que foi “criado com o objetivo de divulgar a importância do patrimônio cultural deixado pelos povos pré-históricos”. Esse é um importante espaço sobre a história dos primeiros habitantes do Brasil.

Refletindo sobre as pinturas rupestres, Braga e Ricarte (2005, p.10) comentam que, com o tempo, as paredes das cavernas não atendiam mais às necessidades do homem e outros suportes foram experimentados para registrar informações, tais como “a placa de argila, depois o rolo, o códex,

o livro, e assim sucessivamente, até o surgimento, bastante recente, do computador”. Os autores enfatizam que, quando estamos falando em tecnologia de suporte textual, é desses meios de registro que nós estamos nos referindo: “a escrita não pode existir sem que se considere o meio (o suporte) no qual seu registro é realizado” (BRAGA E RICARTE, 2005, p.10).

Ao concordar com os autores precisamos então falar um pouco mais da relação entre a escrita e as formas mais comumente usadas como seu suporte: os celulares, os tablets e os computadores.

Ao usar o autoatendimento do banco, você já deve ter percebido que algumas pessoas sentem dificuldade ao lidar com as máquinas. Muitas buscam ajuda, pois não entendem o que devem fazer para conseguir o seu objetivo, que pode ser sacar dinheiro, fazer um depósito ou simplesmente ver o saldo. Geralmente essas pessoas são mais velhas, mas isso não é uma regra. Você já deve ter se perguntado porque isso ocorre, porque algumas pessoas têm mais dificuldade em lidar com as novas tecnologias de informação e comunicação do que as outras.



A frustração gerada pela tecnologia moderna é muito comum

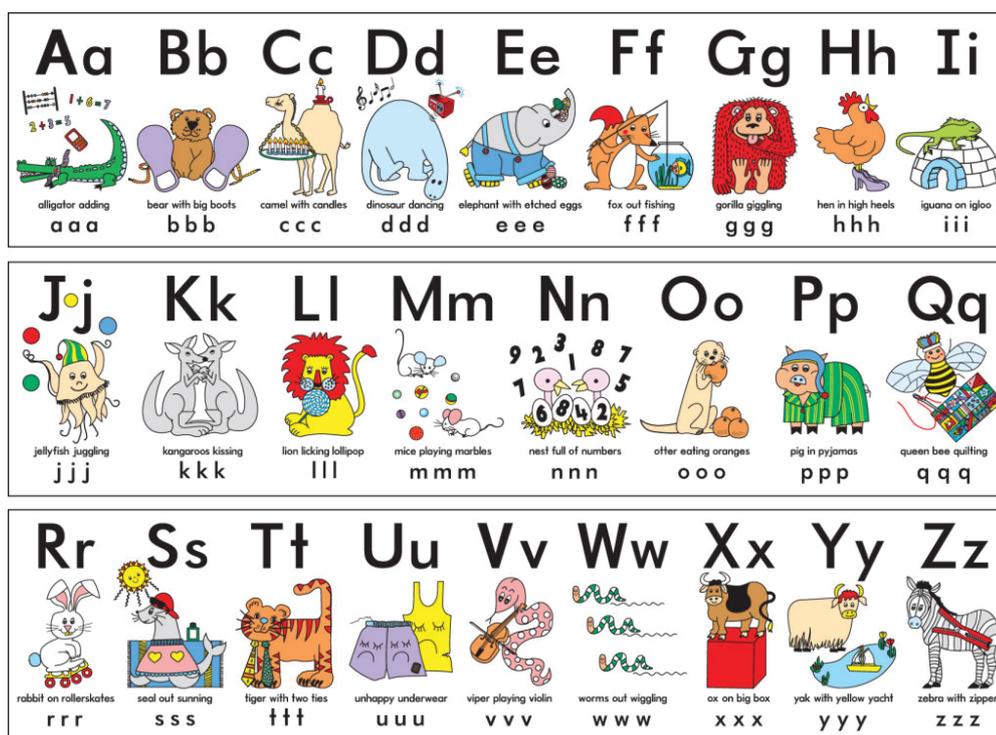
Fonte: <http://newsfirst.lk/english/2015/04/frustrated-man-shoots-his-uncooperative-computer/91090>

Essa dificuldade está relacionada a dois fenômenos: ao processo de naturalização e aos letramentos digitais. No primeiro caso, mais comum entre os indivíduos mais velhos, a naturalização das tecnologias, representadas no exemplo anterior pelas máquinas de autoatendimento dos bancos, ainda não ocorreu, ou seja, esses equipamentos e a sua linguagem ainda são estranhas e causam receio à pessoa que precisa lidar com elas.

No segundo caso, mesmo que as pessoas saibam ler e escrever, elas têm dificuldade de interpretar os comandos da máquina de autoatendimento (ou do celular, do computador), se sentem inseguras sobre o que devem fazer e acabam, geralmente, pedindo ajuda (o que pode ser perigoso no caso do banco, caso peçam auxílio para alguém que não é funcionário da instituição). Esse exemplo mostra porque precisamos discutir e entender o que são os letramentos digitais e os multiletramentos. Mas, primeiramente, iremos começar com a distinção entre alfabetização e letramento.

ALFABETIZAÇÃO X LETRAMENTO(S)

Vamos trabalhar agora com dois conceitos que têm causado algumas polêmicas atualmente: o de alfabetização e o de letramento. Durante muitos anos, o termo alfabetização foi utilizado como sinônimo para saber ler e escrever. Alfabetizar uma pessoa consistia em ensiná-la a decodificar as letras, identificar palavras, a ler e escrever, e esse domínio seria atingido através do conhecimento do alfabeto e da mecânica de leitura/escrita.



Fonte: <http://abcdefghijklmnopqrstuvwxyz.org/alphabets-kids/>

Vários autores criticam essa visão de alfabetização, como Kleiman (2007), ao afirmar que a alfabetização deveria ser “uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de habilidades individuais”. Muitos pesquisadores adotam o termo letramento quando o ato de ler e escrever está associado às práticas sociais. Essas distinções entre alfabetização e letramento podem ser vistas em documentos como o Pró-Letramento, do Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental (BRASIL, 2008, p.12-13):

entende-se alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo). Esta proposta considera que alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis.

Há algumas críticas a esse documento, principalmente na parte que diz que a alfabetização e o letramento são processos complementares e inseparáveis. Por exemplo, Rojo (2009, p. 99) alerta que:

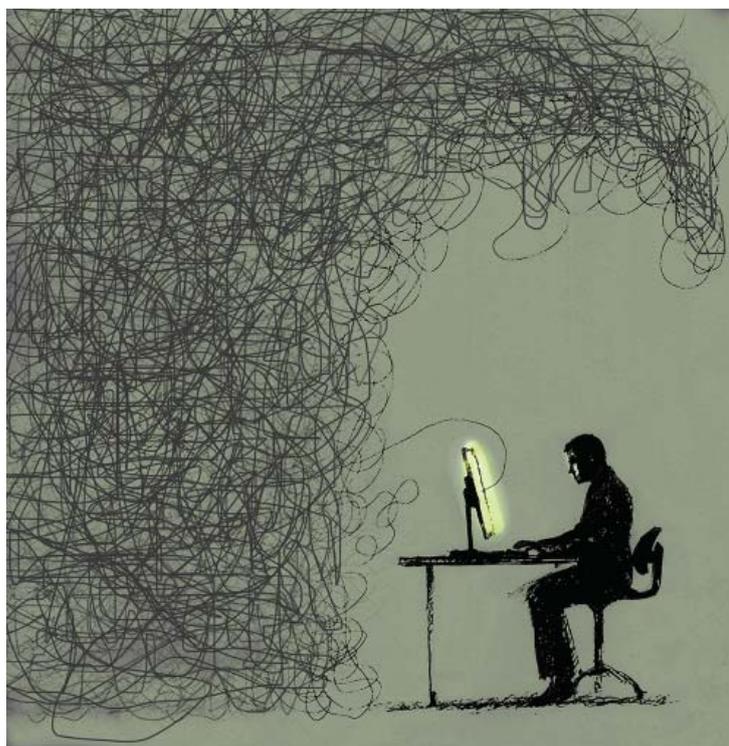
O “significado do letramento” varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos

Considerando as práticas que geralmente vemos em nossas escolas, podemos afirmar que a definição apresentada pelo *Pró-Letramento* nos ajuda entender a diferença entre a alfabetização (que é o que geralmente temos no ensino brasileiro) e o letramento (que é o que deveríamos ter). Com relação ao letramento, gostaríamos de detalhar o que seria o “processo de inserção e participação na cultura escrita” (BRASIL, 2008, p.13). Conforme Nixon (2003, p.407) ressalta, “o letramento é mais complexo e envolve o aprendizado de um repertório de práticas de comunicação e realizações em contextos sociais e culturais específicos”. Em consonância, Rojo (2009, p. 98) observa que letramento concebe tanto os usos quanto as práticas sociais

de linguagem que lidem com “a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos”, por exemplo no contexto familiar, na comunidade religiosa, no ambiente de trabalho, nas mídias, no contexto escolar e etc., “numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural”. Ou seja, não é apenas dominar a leitura e a escrita, mas entender que existem formas mais ou menos valorizadas, que circulam em determinados lugares, mas são barrados em outros, que essas situações espelham lutas de poder, diferenças sociais, e que precisamos estar cientes disso para que consigamos defender nosso lugar na sociedade. E qual o lugar das novas tecnologias nessa discussão? Veremos isso a seguir.

O QUE SÃO LETRAMENTOS DIGITAIS?

Observe a imagem a seguir:



Fonte: <http://www.wired.com/2014/09/digital-literacy-key-future-still-dont-know-means/>

Quantas vezes nos sentimos inseguros sobre quais caminhos devemos seguir ao navegar na internet? Seria aquele link a resposta às minhas perguntas ou um vírus que vai estragar o meu computador? Retomando a diferenciação entre alfabetização e letramento, essa sensação de insegurança ocorre porque não somos alfabetizados digitalmente ou porque não temos os letramentos digitais? Antes de responder essa pergunta precisamos entender melhor esses conceitos:

- Alfabetização digital: seria a capacidade básica que uma pessoa tem para usar um computador ou um outro aparelho digital.
- Letramentos digitais: são práticas sociais nas quais usamos o meio digital e a linguagem digital para propósitos específicos, em contextos específicos.

Se já sabemos que um link pode tanto ser algo inofensivo como um vírus que irá nos prejudicar, isso significa que já entendemos, mesmo que parcialmente, o universo virtual. Assim como o mundo real, a internet possui caminhos seguros, e outros, bem perigosos. Esse conhecimento mostra que já somos alfabetizados digitalmente e nossos letramentos estão em construção.

Você percebeu que usamos o termo letramento no plural? Atualmente esse termo tem sido usado no plural para expressar a variedade de contextos e de tipos de situação de comunicação (escrita, imagética, oral) que existem em nossa sociedade. Quando pensamos nos letramentos a partir de uma perspectiva sociocultural, percebemos como as novas tecnologias de informação e comunicação têm um lugar de relevância, pois “nas práticas culturais cotidianas as pessoas estão usando as novas mídias para construir sentidos, para se expressarem, e para se comunicarem e trabalharem com os outros” (NIXON, 2003, p.407). Essa percepção fez com que pesquisadores criassem o conceito de ‘letramentos digitais’:

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente (BUZATO, 2006, p.16).



Fonte: <http://pomo.com.au/blog/digital-literacy/>

Por serem definidas como práticas sociais, os letramentos digitais muitas vezes são entendidos como uma área específica dentro dos multiletramentos, que iremos estudar a seguir.

O QUE SÃO MULTILETRAMENTOS?

Já vimos o que queremos dizer com alfabetização, letramento(s) e letramentos digitais, o que seria então os multiletramentos? Esse termo nasceu quando um grupo de professores e pesquisadores se reuniu na década de 1990 para debater questões pedagógicas. Como resultado o *New London Group* redigiu e publicou um documento que foi chamado de “pedagogia dos multiletramentos”. De acordo com Cope e Kalantzis (2016, p.9):

o mundo estava mudando, o ambiente das comunicações também estava e nos parecia que, para acompanhar essas mudanças, o ensino e a aprendizagem do letramento teriam que mudar também. Esse era o fundamento de nossa argumentação.

O termo ‘multiletramentos’ engloba, portanto, duas dimensões: a multiplicidade de linguagens que temos atualmente em nossa sociedade e a multiplicidade de culturas.

A reflexão sobre a necessidade de uma mudança de postura no contexto educacional encontra reflexo em outros pesquisadores, como Rojo (2012, p.19), que ressalta que é justamente a multimodalidade (ou multissemiose) presente nos textos atuais que demanda uma abordagem como a proposta pelos multiletramentos, pois “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) (...) exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Hicks (2006, p.3) escreveu que a discussão sobre como os alunos “podem produzir e consumir textos de uma forma crítica, criativa e ética” tem se tornado “crucial ao se criar um cidadão informado, engajado e multiletrado”. Mas o que é um cidadão multiletrado?

Nos estudos de Cope e Kalantzis (2000), o termo multiletramentos ultrapassou a esfera do texto gráfico, que é geralmente a preocupação na escola, para incluir também a leitura e a produção que envolviam outros tipos de mídia. Por considerarem “modos de representação muito mais amplos do que a língua em si” (COPE; KALANTZIS, 2000, p.05), os multiletramentos possibilitam que os leitores sejam “cognitivamente e socialmente letrados” em uma variedade de textos, “uma pessoa capaz de resolver problemas e um pensador estratégico” (ANSTÈY; BULL, 2006, p.41). Uma forma de sintetizar o que seria uma pessoa multiletrada se encontra na imagem a seguir:



Capacidades de uma pessoa multiletrada

Fonte: traduzido e adaptado de Anstèy; Bull (2006, p.41)

Mas como fazer para que os nossos alunos se tornem pessoas multiletradas? A pedagogia dos multiletramentos sugere que consideremos quatro elementos: a prática situada, a instrução aberta, a estrutura crítica (enquadramento dos letramentos críticos) e a prática transformadora. Rojo (2012, p.30) explicada cada uma delas a seguir

- prática situada: “tem um significado particular bem específico que remete a uma abordagem inicial, no projeto didático, de imersão em práticas que fazem parte das culturas do alunado e nos gêneros e designs disponíveis para essas práticas, colocando-as em relação com outras, de outros espaços culturais (públicos, de trabalho, de outras esferas e contextos)”
- instrução aberta: é a reflexão exercida sobre a prática situada, “ou seja, uma análise sistemática e consciente dessas práticas vivenciadas e desses gêneros e designs familiares ao alunado e de seus processos de produção e de recepção”. Durante a instrução aberta há a inclusão de critérios de análise crítica que consiste em “uma metalinguagem”, “conceitos requeridos pela tarefa analítica e crítica dos diferentes modos de significação e das diferentes “coleções culturais” e seus valores”.
- enquadramento dos letramentos críticos: todo o processo acima ocorre a partir do enquadramento dos letramentos críticos que “buscam interpretar os contextos sociais e culturais de circulação e produção desses designs e enunciados”.
- prática transformada: é o objetivo final desse processo que buscou respeitar o universo do alunado, ao mesmo tempo que lhe apresentou novas formas de pensar e novos conhecimentos, fazendo com que ele valorizasse sua cultura ao mesmo tempo que expandia seu conhecimento de mundo.

Pronto para repensar a sua forma de ensinar?

CONCLUSÃO

As mudanças ocorridas em nossa sociedade nos últimos 40 anos exigem que repensemos não só como a comunicação humana se transformou, mas como isso afeta a forma como lidamos com a informação e o conhecimento. Por consequência, precisamos refletir como a educação tem (ou não) dialogado com esse novo mundo. Várias teorias têm tentado trabalhar com essas mudanças e sua relação com a educação, destacando-se a pedagogia dos multiletramentos. Ela desponta como uma direção possível para trabalharmos de forma respeitosa e justa a grande diversidade encontrada no mundo atual.



RESUMO

Vimos nesta aula as definições dos conceitos alfabetização, letramento(s), letramentos digitais e multiletramentos. Percebemos a importância de compreender esses conceitos pois eles afetam diretamente a forma como concebemos o ensino.



ATIVIDADES

Como vimos, a pedagogia dos multiletramentos fala em trabalhar a multiplicidade do nosso mundo, seja ela na área da linguagem, da cultura, da tecnologia e etc. Como fazer isso em um contexto de sala de aula?

Imagine que você precisa ensinar um grupo de trinta alunos que possuem histórias diversas e níveis de conhecimento da língua inglesa diferentes. Como seria uma aula para esses alunos projetada a partir da pedagogia dos multiletramentos? Como você faria para respeitar a “cultura do alunado”, ao mesmo tempo buscando criar pontes para novas formas de pensar e para novos conhecimentos?

Para facilitar esse exercício criativo, escolha um tema geralmente estudado no ensino de inglês, mas não fique apenas nas características gramaticais do idioma. Lembre-se, língua é cultura.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Normalmente as pessoas tendem, quando vão ensinar, a reproduzir a forma como elas foram ensinadas, por isso muitos sentem dificuldade em imaginar uma aula diferente. Essa “reprodução” pode ser muito problemática por vários motivos, como o fato do mundo ter mudado nos últimos 20 anos, de termos novas formas de lidar com as informações e o conhecimento. Portanto, precisamos começar a criar novas formas de ensinar, levando em consideração fatores que não eram respeitados anteriormente, como a multiplicidade cultural, a história de vida do aluno, a variedade de linguagens às quais somos expostos diariamente. As primeiras tentativas podem ser um pouco difíceis, mas com o tempo, e como retorno dado pelos alunos, você verá que todo o seu esforço valeu a pena!



AUTO-AVALIAÇÃO

Após estudar esta aula eu sou capaz de me posicionar frente à diferenciação que alguns autores fazem entre alfabetização, letramento(s), letramentos digitais e multiletramentos? Consigo esboçar uma aula que tente adotar os conceitos de prática situada, de instrução aberta, de estrutura crítica e de prática transformadora presentes na pedagogia dos multiletramentos?



PRÓXIMA AULA

Na aula a seguir, vamos ver como as tecnologias foram usadas para ensinar e aprender línguas estrangeiras através de uma pequena “viagem no tempo”.

REFERÊNCIAS

- ANSTÈY, M., BULL, G., Defining Multiliteracies. In **From Teaching and Learning Multiliteracies: Changing Times, Changing Literacies**. 2006
- BRAGA, D.B.; RICARTE, I.L.M. **Letramento e Tecnologia**. Linguagem e Letramento e Foco. Campinas, SP: Cefel/IEL/Unicamp, 2005-2010
- BRASIL. **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- BUZATO, M. E. K. Letramentos Digitais e Formação de Professores. In: **III Congresso Ibero-Americano Educarede: Educação, Internet e oportunidades**, São Paulo, Maio/ 2006. Anais (on-line), São Paulo, CENPEC, 2007.
- COPE, B.; KALANTZIS, M. Prefácio – Multiletramentos e Mudanças Sociais. In: JESUS, D.M.; CARBONIERI, D. (orgs.) **Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, vol 47. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- COPE, B., KALANTZIS, M. & New London Group. **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures**. New York: Routledge, 2000
- Fundação Museu do Homem Americano. Disponível no endereço: <<http://www.fumdham.org.br>>. Acessado em maio de 2016.
- HICKS, T., 2006. Expanding the conversation: A commentary towards revision of Swenson, Rozema, Young, McGrail, and Whitlin. In: **Contemporary Issues in Technology and Teacher Education**, Vol. 6, No.1. Disponível no endereço <<http://www.citejournal.org/vol6/iss1/languagearts/article3.cfm>>. Acessado em maio de 2016.
- KLEIMAN, A. B. O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização. **Projeto Temático Letramento do Professor**. Campinas: IEL/ UNICAMP, Fevereiro de 2007 Disponível no endereço <http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento_AngelaKleiman.pdf>. Acessado em maio de 2016.
- NIXON, H. New research literacies for contemporary research into literacy and new media. **Reading Research Quarterly**. July/August/September, 2003
- ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. In: ROJO, R. MOURA, E. (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.